

DO TEMPO COMO ABERTURA AO NOVO COMEÇO E DA CRIANÇA COMO O SER DA DESCONTINUIDADE DO ATO TOTALITÁRIO¹

Cleiton dos Santos Lessa²

E-mail: lessacleiton15@gmail.com

Universidade do Estado da Bahia (UNEB) - Campus XII

RESUMO:

O presente resumo expandido resulta de uma pesquisa bibliográfica sobre a obra *Pedagogia profana* de Jorge Larrosa. Buscou examinar a infância como o irreconhecível no ser humano, a imaginação como a questão transbordante do olhar inventivo e criador de verdades na infância, a palavra como meio de inserção no mundo e o seu caráter vigilante representado e institucionalizado na educação. Essas temáticas têm como objetivo problematizar alguns argumentos de Jorge Larrosa contido no conjunto de ensaios que compõem a sua pedagogia profana. O procedimento metodológico adotado foi a análise temática categorial, técnica instituída por Bardin (2016), em sua obra *análise de conteúdo*. A categorização procura sintetizar, ainda que sumariamente, a relação entre criança, infância, imaginação e cultura no âmbito da educação, compreendendo a criança como esse ser da descontinuidade e/ou da permanência conforme o ambiente cultural forjado para a sua formação, sendo que, essa última pode ser também um ajuste para a conformação, aceitação, fechamento ao novo e ao irreconhecível. As discussões e resultados mostram que o uso racional da palavra, tal como muitas vezes definido acertadamente pela escola, como uma questão curricular, nem sempre, para a criança, contém a verdade que sua imaginação projeta para a comunicação com seus interlocutores; posto que, a criança imagina e cria verdades que, ela mesma, não dispõe do vocabulário para a sua explicitação - o que faz da imaginação o elemento fundamental da comunicação -, notadamente, acima da palavra quando o que se quer dizer é mais possível foneticamente.

Palavras-chave: Infância. Imaginação. Criança. Educação.

INTRODUÇÃO

Cada nascimento lança no mundo o ser da descontinuidade. Esse ser, conforme hipótese de Larrosa (2019), é a criança. A criança sempre rompe com alguma forma histórica de pensamento, de hábitos, de costumes, de cultura, de crenças e de tradições; por isso, ela é a descontinuidade do totalitarismo ou, conforme a educação recebida, a permanência do mesmo. Nesse sentido, a educação é uma antropologia que propõe um ideal de ser humano e de cultura no processo civilizatório de uma sociedade. Assim, pensar o enigma da infância conforme

¹ Trabalho submetido ao VI Seminário de Educação da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – Campus XII, sob a orientação do professor Dr. Adelson Ferreira da Silva. E-mail: ferreira.adelson@yhao.com.br

² Estudante quinto semestre do curso de pedagogia da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) - Campus 12 – Guanambi, e-mail: lessacleiton15@gmail.com

VI SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO

PEDAGOGIA
E PROCESSOS
FORMATIVOS: entre emergências
e insurgências



DEDC-CAMPUS XII
Departamento de
Educação



NEPE
Núcleo de Estudos, Pesquisas
e Projetos em Educação
e Políticas da Bahia

16 a 19 de agosto

propõe Larrosa implica considerar a amplitude das construções culturais, bem como o diálogo com uma visão filosófica do mundo, elaborada a partir de uma concepção de verdade que, por um lado sempre fora concebida como algo a ser alcançado, e, por outro, como alguma coisa dependente de método, sendo esse último, o caminho para o alcance da verdade do conhecimento. Para a criança todas essas formas de busca da verdade, nada mais são do que um simples *ato totalitário* cujo sentido pouca importa diante da verdade imaginada, isto é, aquela em que a experiência é a própria atividade desvelada do real, e a imaginação, sem dúvida, seria o método por excelência para criança propor a descontinuidade do tempo histórico. Por isso, a infância é o mundo de um ser que nela se lança ao ser lançado pelo tempo para construir o seu espaço próprio para a existência. E totalitarismo, como tal, “supõe a pretensão de projetar, planificar e fabricar o futuro, ainda que para isto tenha de antecipar e produzir, também, as pessoas que viverão no futuro, de modo que a continuidade do mundo permaneça garantida” (LARROSA, 2019, p. 237). Ou seja, a lógica do totalitarismo caracteriza-se, entre outras coisas, pela tentativa conservadora da antecipação, produção, continuidade e permanência. Algo muito propício à racionalidade neoliberal, ao dogmatismo religioso, ao essencialismo moral e puritano e à estabilidade dos costumes. Tudo isso parece ser uma contracultura à experiência da infância, nas análises de Larrosa.

REFERENCIAL TEÓRICO

Conforme posto por Larrosa (2019), jamais teremos de fato um cálculo ou método que possa nos dizer o que a infância realmente é, pois não é algo quantificável ou mesmo qualificável, justamente por ser esse algo que foge do que podemos saber e pôr em palavras. Em seu livro “Pedagogia Profana”, Larrosa (2019) retoma um conceito da Grécia Clássica (de antes mesmo de Sócrates), a Alétheia, a verdade como experiência vivida. Nesse conceito de verdade, um mais um é igual a dois, não porque isso é um fato abstrato, absoluto, imutável e metafísico que está além da realidade como a conhecemos, como foi implantado por Platão, mas porque experienciamos isso a cada momento. Diferente, por exemplo, de um bebê, que não faz a menor ideia do que seja o número um, dois, ou consegue conceber uma ideia de soma como nós conseguimos.

A infância enigmática, apresentada por Larrosa, indica uma possível conceituação. A Infância é uma verdade por ser uma experiência pela qual passamos e vivenciamos, cada qual

VI SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO

PEDAGOGIA
E PROCESSOS
FORMATIVOS: entre emergências
e insurgências



DEDC-CAMPUS XII
Departamento de
Educação



NEPE
Núcleo de Estudos, Pesquisas
e Projetos em Educação
e Políticas Públicas

16 a 19 de agosto

da sua forma, cada época do seu jeito. A criança é uma criatura totalmente nova, que chega ao mundo sem saber nem poder nada, aonde é tudo incerto e efêmero. Sem saber quem sou eu, quem é o outro, em um local estranho, com gente estranha, com uma linguagem estranha, e sentindo coisas estranhas, começamos a fazer uma coisa muito difícil que nunca antes tínhamos feito e sem ninguém para nos ensinar como fazê-lo: começamos a viver. Assim, justamente por estarmos vivos, sofremos; primeiro por não ter o que queremos, e, em seguida, por não querer mais o que já temos. Dessa forma, buscando fugir disso, sua única alternativa é apelar para algo que delas transborda em brilho pelos olhos: a imaginação.

A reflexão de Larrosa destaca o papel central da imaginação. No entanto, mostra também uma certa preocupação como o fato de que começar a viver a infância não é apenas imaginação. Outras estruturas subjetivas são demandadas nesse processo como, por exemplo: a memória, fantasia, a reflexão e a percepção. A realidade não é apenas aquilo que o imaginário projeta, pois criar, ainda que seja na infância, é um ato de apreensão - íntegro, completo e totalizante – mas não é essencialmente uma mágica que perdurará por toda a existência desde o nascimento até a morte. Afinal, a vida, entre nascimento e morte, exige outros processos culturais distintos, e quase sempre espaço-temporais, históricos.

Contudo, a imaginação não está livre da vigilância. Foucault, em seu livro “Vigiar e Punir”, traz o conceito de panoptismo, uma forma de poder aplicada individualmente, implantando uma vigilância contínua sobre um único indivíduo, com o intuito de moldar o ser para que ele possa preencher um currículo socialmente imposto do que se espera desse ser, como ele se portará, do que se deseja que ele faça. A educação está presente na cultura, na sociedade, na família e até mesmo no sistema econômico, e de uma forma tão indissociável com nosso modo de reger a vida perante os outros, que nem mesmo percebemos quando aplicamos a educação panoptística: a primeira forma desse modelo de educação se dá quando começamos a introduzir aos recém-chegados desse mundo, as palavras. Não sabemos, portanto, se conseguimos outra forma de educação senão essa. A evolução do processo civilizatório mostrará nossas decisões, se foram ou não acertadas. Mas a dúvida permanece como o motor da descoberta e de superação do autoengano.

As reflexões de Larrosa não isentam o positivismo da crítica, na medida em que, expõe os limites dos processos de quantificação em questão de natureza subjetiva. Ele argumenta que o pensamento positivista é mestre em descrever e analisar, o que é fundamental para as ciências

VI SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO

PEDAGOGIA
E PROCESSOS
FORMATIVOS: entre emergências
e insurgências



DEDC-CAMPUS XII
Departamento de
Educação



NEPE
Núcleo de Estudos, Pesquisas
e Projetos em Educação
e Políticas da Universidade
do Estado da Bahia

16 a 19 de agosto

quantificáveis, mas a partir do século XVIII, com a ascensão das ciências humanas, como a sociologia e a psicologia, esse método se mostrou incompleto. Amor por princípio, ordem por base e progresso por fim. Soa familiar para nós brasileiros, embora, como se sabe, em nossa bandeira, houve um ajuste para a adoção do princípio positivista, o que, no entanto, não anula a sua origem no ideal de quantificação, classificação e todas as outras formas de objetivação. A questão não é o positivismo em si mesmo, mas sim a visão de mundo que, a partir dele, se constrói para a educação da criança e para a infância enquanto categoria estética orientada pela sensibilidade e pela descoberta de uma racionalidade orientada pela imaginação. Essa última, decisiva para o processo civilizatório de qualquer sociedade.

METODOLOGIA

Definiu-se a bibliografia, realizou-se uma leitura exploratória procurando determinar o problema a ser investigado. Após sua elaboração procedeu-se a determinação das categorias temáticas a fim de exercer a análise e interpretação da problemática. A partir daí, procurou-se “conferir um alcance mais amplo aos resultados obtidos com a leitura analítica” (GIL, 2012, p. 75). Procurou-se, ainda, manter o estilo ensaístico do autor, sem perder de vista o diálogo com a problemática e sua articulação com pressupostos filosóficos, sobretudo, no campo da teoria da sensibilidade, estética, considerando os limites do resumo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na perspectiva de Larrosa (2019) é através das palavras e das suas representações que nos impomos ao mundo e nos relacionamos com nossos pares, que nada há de errado nisso. O problema começa quando achamos que essa é a única forma que temos para isso. Vários pensadores recorrem às artes como um meio alternativo para essa comunicação, mas também podemos apelar para os esportes, os sentimentos, as ações e até ideias subjetivas que são tão abstratas e complicadas que só podem ser sentidas e interpretadas por aqueles que a sentem e interpretam em primeira mão.

A corporeidade é um tema central para a infância, assim como a corporificação. As vezes colocam-se as crianças corporificadas, corpos estabilizados, estáticos, enfileirados; como se essa fosse a única forma de construir o aprendizado da disciplina. Tem-se a crença de que toda educação deve vir de fora, da autoridade do adulto, visto que, como afirma Larrosa (2019) os

VI SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO

PEDAGOGIA
E PROCESSOS
FORMATIVOS: entre emergências
e insurgências



DEDC-CAMPUS XII
Departamento de
Educação



NEPE
Núcleo de Estudos, Pesquisas
e Projetos em Educação
e Políticas Sociais

16 a 19 de agosto

corpos não servem para nada além de conter a mente, pois o que importa é que as crianças possam aprender a serem boas funcionárias e bons membros para a comunidade que irão servir. Essa ainda é a lógica da relação senhor/escravo. Isto é, supor sempre que a boa educação é aquela capaz de preparar uma mentalidade submissa, servil e controlável. Pouco importa aprender a lutar contra injustiças, a favor da dignidade humana, das liberdades individuais e do bem comum. Esse corpo, conforme mostra Larrosa não é desejável para o sistema totalitário.

Nem sempre os adultos têm o poder e o saber que aparentam ter para as crianças. Quase sempre, toda imposição que se pratica, seja no ambiente doméstico-familiar ou na escola, nada mais é do que uma espécie de fingimento. Larrosa (2019) deixa claro que lhe impomos um poder que fingimos ter e, para isso, o adulto tende a demonstrar alguma propriedade no que fala tentando, muitas vezes, convencer a criança a acreditar na sua autoridade mesmo que, para isso, lhe desvalorize ou lhe falte com respeito, assumindo um comportamento mais de adestrador, e menos de educador.

CONCLUSÃO

A criança brinca, experimenta e descobre o mundo através da imaginação. Quando é um pirata ou qualquer outro personagem, se ela acredita nisso, têm-se o suficiente para uma verdade. É um mundo paralelo real, no qual, a criança como indivíduo, ao lado de tudo e todos que ela conseguir realizar (no sentido de tornar real), existem. Ali, naquele imaginar, não há espaços para dúvidas e incertezas, é construída uma identidade ampla e livre, limitada apenas pela capacidade que esse ser tem de pôr sua própria imaginação em ação. Essa é a magia enigmática da Infância, conforme descreve Larrosa (2019). Essa verdade imaginada, para a criança, é o real, até que seu discernimento seja suficientemente amadurecido para distinguir entre imaginação e realidade, entre o verdadeiro e o falso, entre o bem e o mal, entre natureza e cultura, entre pensamento e linguagem.

Nesse sentido, a educação tem uma função essencial, pois ela está presente na cultura, na sociedade, na família e no sistema econômico, de forma indissociável. Por isso mesmo, refletindo a partir de Foucault, Larrosa explica que a primeira forma desse modelo de educação panoptística é aplicada quando começamos a introduzir aos recém-chegados desse mundo, as palavras. No entanto, não tem como escapar da palavra em si, ela é desejável, passível de ser ensinada e essencial para a comunicação.



A palavra se impõe na comunicação como uma de suas formas, talvez a mais eficaz, mas não a única, conforme assegura Larrosa. Mas a verdade não depende apenas da palavra. Assim, seguindo essa forma de pensamento, nossos corpos acabaram por se tornar apenas o recipiente que comporta uma alma imaterial que precisa ser lapidada, adestrada; recebendo todo o abençoado conhecimento daqueles que se dizem detentor de todo saber e poder. A crítica à metafísica cristã é muito clara nesse argumento. A verdade, segundo Larrosa (2019) abandonou este mundo como o conhecíamos e fugiu para um plano metafísico e abstrato que só pode ser alcançado pela razão pura e imaculada.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas em pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascarados**. 6 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.